**Tí­tulo:** A Saudade do Rio e O Amor Ao Público: Almas Consumistas e Almas Rebeldes da Lapa do Desterro

**Autor:** Mauro da Silva de Carvalho

**Orientador:** Luis Antonio dos Santos Baptista

**Palavras-chave** Cidade, Subjetividade, Espaço Público

**Paí­s:** Brasil

**Ano:** 2006

**Resumo:** Desde o início da década de 90 vem se instituindo na Lapa o movimento de “renascimento” da vida boemia que marcara o bairro no início do séc. XX. Através de obras de revitalização da Prefeitura Municipal (restauração do antigo Aqueduto, reurbanização da Rua do Lavradio, construção de uma nova estrutura e reabertura do Circo Voador, dentre outros) aliado ao incentivo à instalação de estabelecimento de lazer e entretenimento (bares, boates, casas de show, etc), o bairro tornado famoso pela boemia do início do século XX que fora tratado como “maldito” na história da cidade, sofrendo décadas de abandono, novamente passa a ser reintegrado a cidade como patrimônio cultural. Através da implementação de uma estética urbana voltada para o consumo, o passado do bairro e seus personagens são transformados em objetos de fetiche do capitalismo contemporâneo, reintegrados ao espaço através da idealização da imagem da boêmia e do malandro como personificação da “essência da alma carioca”. A cidade idealizada por estes projetos é uma metrópole onde as contingências e tensões no espaço público são substituídas pelo apaziguamento e aturdimento dos corpos e vontades, premindo pela captura e cristalização das narrativas advindas da tradição popular, onde as diferentes formas de narrar à cidade e a memória urbana dão lugar a um cotidiano imutável, aprisionado num “eterno presente” referenciado pelo retorno idílico ao passado boêmio. Esta dissertação analisa as implicações políticas e subjetivas contidas nestes projetos de restauração bem como a proposta de transformar as singularidades dos lugares em “bens de consumo cultural”, visando sua “preservação”. Visa-se, portanto, analisar a história e o cotidiano do bairro, recolhendo nesta trajetória os inúmeros passados esquecidos ou apagados pelos urbanistas e patrimonialistas, dando-lhe usos que apontem para a construção de diferentes possibilidades e para a formulação de cidades onde as singularidades dos lugares e as alteridades do cotidiano possam gerar sensibilidades e subjetividades capazes de romper como o aturdimento do presente para sujeito contemporâneo.